



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



QUANDO A RELIGIÃO NÃO É ÓPIO: UM OLHAR NA CONFERÊNCIA DO NORDESTE E NAS CEBs.

Cláudio Márcio Rebouças da Silva
E-mail: revcacau@hotmail.com

O contexto brasileiro, no seu processo histórico de diversidade de povos e culturas, desenrolou-se através de vivências conflituosas entre dominantes e dominados nas diversas esferas sociais, sendo então palco de relações complexas e muitas vezes contraditórias em que os dominados jogaram o jogo dos dominantes reinventando sua cultura e resistindo de diversas maneiras na caminhada, como estratégia de libertação e ou afirmação de sua identidade. O cristianismo, por exemplo, encontrava-se ao lado dos opressores europeus, brancos preconceituosos, os quais aculturavam, espancavam, roubavam, excluía e por fim aniquilavam povos inteiros, ditos inferiores, sem alma, incivilizados, selvagens e não menos filhos do demônio. Entretanto, o presente trabalho tem como objetivo sinalizar a prática de grupos cristãos que, para além de uma perspectiva homogênea, dominante e alienante, sinalizaram resistência, libertação e diálogo com o multiculturalismo brasileiro. Assim, através de uma análise crítica e um olhar sócio-antropo-teológico diante da Conferência do Nordeste e das CEBs percebe-se o avesso da religião enquanto ópio do povo, tornando a fé em práxis libertadora. Tais cristãos vistos como revolucionários em seu tempo, proclamavam a experiência do Deus que se revelava enquanto libertador, que conhecia a aflição do seu povo (sem distinção de credo e cor) a fim de construir uma sociedade que valesse a pena ser vivida. Baseada na pesquisa bibliográfica e também na metodologia da História Oral, esse artigo, centrou-se na memória individual do Reverendo João Dias de Araújo (palestrante na Conferência do Nordeste) trazendo à tona um cristianismo que ora é entendido como “ópio do povo” e em outro momento como instrumento de emancipação humana.

PALAVRAS-CHAVE: cristianismo, resistência, emancipação

“E disse o SENHOR: Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores. Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que emana leite e mel;” (Êxodo 3.7-8^a)

A relação sociedade e indivíduo vem sendo marcada por diversos debates e ou concepções diferentes dentro do que chamamos “clássicos das Ciências Sociais”: Emile Durkheim (o fundamental é a sociedade e a integração dos indivíduos nela), Max Weber (os indivíduos e suas ações são os elementos constitutivos da sociedade) e Karl Marx (o foco recai sobre os indivíduos

inseridos nas classes sociais). Contudo, apesar das perspectivas diferentes, todos buscaram explicar o processo de constituição da sociedade e as maneiras como os indivíduos se relacionam com o outro e com o mundo.

Neste sentido, tanto o indivíduo quanto a sociedade são analisados em um processo histórico social em que para alguns intelectuais das Ciências Sociais, enfatizam-se mais as rupturas e ou transformações e, para outros, as estruturas e ou permanências. Além disso, sabe-se que a realidade e o humano são mais complexos do que uma visão dicotomizada deste processo. Ou seja, há também estudiosos que percebem, aceitam e problematizam a possibilidade de interlocução destes mundos aparentemente separados.

Diante disso, é interessante perceber que um dos grandes paradoxos de nosso tempo encontra-se na dimensão religiosa. Pois, como entender e ou aceitar a expansão do fenômeno religioso em uma sociedade cada vez mais científica e tecnológica? Como e quais razões possibilitam este avanço? Ora, Deus cabe no século XXI? Se sim, que Deus? Como explicar o crescimento dos que não possuem religião alguma? Não acreditam em Deus? Deus para eles habita fora da religião?

Bem, é evidente que para estas questões serem analisadas, seria necessário mais tempo e um estudo mais profundo para encontrar sinais que poderiam ou não ser satisfatórios para captação do estudo do fenômeno religioso. Mas não é esse o objetivo deste artigo, e sim, tentar encontrar razões para melhor compreensão deste acontecimento que ora é entendido como “ópio do povo” e em outro momento como instrumento de emancipação humana. Como e porque isso ocorre?

Na verdade, para melhor compreensão deste tema, Michel Foucault, em sua obra *Microfísica do Poder*, sinaliza que não só o Estado exerce poder na sociedade, mas, há poder nas relações sociais como um todo. Isto é, há esferas de poder e ou de micro poderes onde um quer se sobrepor ao outro. Ou seja, em cada contexto social o humano vive com a dimensão do poder que se dá duplamente (ora o sujeito exerce o poder, ora sofre), o poder se dá de forma difusa, onde todos participam.

Contudo, como se dá a dimensão do poder na esfera do líder religioso? Ou seja, que sagrado é este que ele se coloca como porta voz? A serviço de quem este líder está? Do povo oprimido? Das elites? Da máquina do Estado? O teólogo cristão Rubem Alves falando sobre a religião aponta que: “Ela se presta a objetivos opostos, tudo dependendo daqueles que manipulam os símbolos sagrados. Ela pode ser usada para iluminar ou para cegar, para fazer voar ou paralisar, para dar coragem ou atemorizar, para libertar ou escravizar”(ALVES, 2003, p. 104).

No entanto, historicamente a religião (sobretudo a cristã), de uma forma geral, foi posicionada do lado dos poderosos, excluindo vidas do projeto divino de salvação-libertação (humanização, dignidade, justiça) e legitimando cruzadas em nome de Deus (transformando a cruz em espada),

exercendo a simonia, negando alma ao índio e negro com objetivo de trabalho escravo e mais lucro para a Igreja (que no período medieval era uma grande latifundiária), ou seja, a classe dominante.

Mas, é importante ressaltar que não só na Igreja Católica houve contradições, o protestantismo esteve em muitos momentos de mãos dadas com a máquina do governo que não cumpria o seu devido papel negando aos indivíduos em sociedade o direito a educação, moradia, saúde, saneamento básico e outros. Desta maneira, exerceu mazelas semelhantes ao catolicismo, uma vez que em nome de Deus novos impérios estão sendo construídos, a simonia evangélica também tem dado certo e a fé torna-se mercadoria. Ora, o protestantismo se calou... e quando se pronunciou, a serviço de quem estava seu discurso? Evidentemente, que tudo isso também é fruto de uma religiosidade que pensa a fé em uma dimensão do porvir. Isto é, um dia nada disso acontecerá, o humano terá vida em plenitude, pois, a morada do cristão é celestial, então por que responder às desigualdades sociais? Se há sofrimento aqui na terra, no céu não será assim. Ruas de ouro esperam aos que crêem...

Entretanto, é possível observar que no antigo testamento há um eixo teológico onde várias teologias têm exercido sua hermenêutica em busca de estabelecer no caso da teologia cristã, um diálogo com as diversas realidades vivenciadas neste contexto de pluralidade cultural e neste solo múltiplo chamado Brasil. Assim, pode-se observar a experiência do Deus que se revela como libertador, que conhece a aflição do seu povo e lhe tira do cativeiro da servidão é que se faz necessário um caminho de fé na construção de uma sociedade melhor para se viver.

Desta maneira, o contexto brasileiro no seu processo histórico de diversidade de povos e culturas, se deu através de uma vivência conflituosa entre dominantes e dominados nas diversas esferas sociais. Daí, as relações se estabeleceram de maneira complexa onde muitas vezes os dominados jogaram o jogo dos dominantes reinventando e resistindo de diversas maneiras sua caminhada como estratégia de libertação e ou afirmação de sua identidade. Logo, aponta Leonardo Boff no seu livro, Igreja: Carisma e Poder. “Resta decidir qual é a teologia adequada e necessária à Igreja que peregrina com o povo brasileiro, em sua grande maioria religioso e pobre” (BOFF, 2010, p.45).

Assim sendo, como ser cristão em solo brasileiro? Com quais setores da sociedade o cristão pode se envolver? Há um jeito brasileiro de ser cristão? Essas e outras questões é que homens e mulheres não só religiosos tentaram responder. No início de sua obra, Deus é Brasileiro: As Brasilidades e o Reino de Deus, Jorge Pinheiro (cientista da religião) sinaliza a importância dos anabatistas (liderados por Thomas Munstzer na Alemanha entre os anos de 1500 a 1536) que construíram um movimento protestante revolucionário onde lutaram por pão, terra e liberdade em favor da justiça que começava aqui neste chão.

Neste sentido, diante deste e de outros exemplos na história, será que o protestantismo tem algo a dizer ao povo brasileiro? É possível um diálogo entre o protestantismo e a multiculturalidade brasileira? Ora, durante muito tempo e de uma forma geral ainda ocorre, a prática de protestantes em demonizar culturas e povos por serem diferentes (africanos e ou índios, por exemplo) e exercerem uma religiosidade que não era o da tradição reformada europeia e norte-americana.

Entretanto, a despeito desta prática inaceitável, o autor trabalha a hipótese de que é possível o diálogo entre o protestantismo e a multiculturalidade brasileira. Desta forma, ele aponta a necessidade de superação do paradigma norte-americano que não só trazia “aparentes” soluções para missão no Brasil, como traziam inúmeros problemas à (Mãe gentil e ou pátria amada). Logo, era uma realidade diferente da nossa, por isso não poderia ser transposta assim como queriam e fizeram. Segundo o autor, “continuamos a nos pautar por dogmáticas além-mar, cânones que não podiam ser contestados. Este jeito estrangeiro de ser protestante brasileiro marcou gerações e fez de nós estranhos no ninho” (PINHEIRO, 2008, p.12).

Desta forma, o autor sinaliza que além do diálogo ser possível entre o protestantismo e a multiculturalidade brasileira, o protestantismo deve ajudar a transformar o Brasil. Assim, é necessário para uma análise mais significativa trabalhar numa perspectiva transdisciplinar. Logo, pensando no relacionamento entre o divino e o humano, é preciso análise sócio-teológico e ou sócio-anropológica. Sendo assim, quem é o humano? Quem é o divino? Toda teologia carece de um caráter antropológico. Entretanto, como o humano constrói a sua história? Bem, uma coisa é certa, no Brasil, um Deus com o rosto europeu não cabe mais, se é que um dia já coube!

Segundo Max Weber, no seu conceito de ação social ele aponta que as ações dos indivíduos são dotadas de sentimento próprio (desejos, vontades). Cabe ao cientista social investigar tais significados, as simbologias que emanam nas relações sociais, onde os indivíduos se percebem, interagem, julgam, exigem, criam expectativas mútuas de comportamento e enfim assumem diversos papéis dentro do emaranhado cultural. Dessa forma, a ação social só existe quando está orientada pela ação dos outros, portanto seu sentido é público. Daí, lembrando o antropólogo Clifford Geertz no que se refere à análise de situações vividas na sociedade, às quais podem ter significados completamente diferentes, como ele bem sinalizou na questão da piscadela.

Assim, como compreender o que é escrito e ou dito? Nas palavras de Boff ocorre que, “no dito fica sempre o não-dito, e todo ponto de vista será sempre a vista de um ponto” (BOFF, 2010, p.105). Logo, através do exercício hermenêutico, é necessário buscar o sentido primeiro do autor. Ou seja, tem que decifrar o texto; reconstruir a realidade sócio-cultural onde o texto foi tecido. Assim sendo, é necessário apontar que tanto para o hermeneuta quanto para o antropólogo, a linguagem é de extrema importância, pois, estabelece comunicação e sentido no viver social. Entretanto, para Jorge

Pinheiro, “não existe uma interpretação absoluta da essência, já que a essência não é uma grandeza estática, mas se realiza de forma dinâmica na existência” (PINHEIRO, 2008, p.72).

Ainda segundo este autor, no Brasil, para o estudioso das religiões salta aos olhos a peculiaridade da Conferência do Nordeste, realizada em 1962 com o tema: CRISTO E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO. Ou seja, uma das perguntas feitas era: o que está acontecendo aqui? Inicialmente houve uma compreensão de que existiam falhas nas Igrejas e que elas deveriam ser corrigidas. Pois, se o cristão escuta a voz do Mestre, então ele deve viver uma dimensão revolucionária. Isto é, a Igreja pode não ser responsável pela seca do nordeste, porém, não pode se omitir diante da “indústria da seca”.

É importante ressaltar que a Conferência do Nordeste não foi algo isolado, mas o resultado de uma série de trabalhos anteriores. Ou seja, o Setor de Responsabilidade Social da Igreja realizou reuniões em 1955 (A Responsabilidade social da Igreja), 57 (A Igreja e as Rápidas Transformações Sociais do Brasil) e 60 (A Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade); estudos foram realizados com a liderança religiosa das comunidades... Buscava-se, estabelecer um diálogo entre a realidade brasileira em dado momento histórico. Daí aponta o sociólogo Waldo A. César (Secretário Executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja), “agradecemos a nosso Deus e Pai, que dia após dia nos permite tomar consciência mais profunda das dimensões da luta que ora se trava em nossa Pátria. Que ele mesmo nos prepare para o exercício do testemunho cristão neste momento decisivo de nossa história”. (A Conferência do Nordeste, 1962, p.10)

Desta maneira, buscava-se descobrir e ou entender a ação de Deus em nossa história, pois, um novo paradigma estava posto, tendo em vista que Deus estava agindo fora da Igreja e em movimentos sociais que pareciam esquisitos e contraditórios para a maior parte dos líderes religiosos. Daí, na Conferência do Nordeste, as reflexões foram contextualizadas em temas menores como: brasilidades; pressões das mobilizações dos trabalhadores brasileiros; campo e cidade... Contudo, o que provocou todo este evento? Evidente que as transformações que aconteciam em nosso solo também ocorriam e ou ocorreu em outras partes da Mãe Terra. É certo que o catolicismo já havia criado alguns órgãos para uma maior relação e compreensão deste novo tempo, a fim de se relacionar melhor com a sociedade. Isto é, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 1952); JOC (Juventude Operária Católica); JEC (Juventude Estudantil Católica); JUC (Juventude Universitária Católica).

Assim, aponta Pinheiro;

a Conferência do Nordeste foi um esforço no sentido de levar a igreja a falar a linguagem das utopias e encontrar-se com a sociedade brasileira. Foi um esforço para interpretar o movimento socialista, que se fazia manifesto nas

mobilizações de operários, camponeses e setores médios da sociedade brasileira. Foi uma experiência protestante até então inédita em terras brasileiras. Contou com a participação de 167 delegados de dezesseis Estados, que representaram dezesseis confissões (PINHEIRO, 2008, 163).

Na realidade, a Conferência do Nordeste procurou analisar três questões: 1) Qual é o papel da igreja numa sociedade de crise? 2) Como Cristo é a solução para os problemas brasileiros? 3) Que tipo de diálogo a Conferência do Nordeste deveria traduzir? Logo, foi sinalizado que: 1) Era o clamor generalizado contra a situação em que vivia grande parte da população. 2) Luta contra o subdesenvolvimento (vidas em condições desumanas, injustiçadas...e, 3) O país estava querendo definir sua identidade enquanto nação cristã, a fim de não ser dirigido por pessoas de fora. Ou seja, significava o momento em que os brasileiros sentiram na consciência sua responsabilidade de escrever a sua história com papel e tintas próprios.

Diante disso, sinaliza Pinheiro, “no Recife, houve uma clara e explícita vinculação político-ideológica dos entrevistados com o projeto de mudança social. As palestras e documentos apresentados na Conferência do Nordeste foram indícios nítidos de um compromisso com a história” (PINHEIRO, 2008, p.174), pois, sem dúvida, a vida e a justiça, são os primeiros passos para um construto sócio-teológico onde o Reino de Deus possa emancipar e tirar do cativeiro babilônico, os sem nome, sem terra, sem teto... mais conhecidos neste sistema econômico capitalista como invisíveis e ou zero econômicos. Daí há uma revolta generalizada contra a situação atual e, por isso, luta-se contra o subdesenvolvimento. Ou seja, segundo Gutierrez, “ao assinalarem, porém, suas causas profundas, enfrentaram as grandes forças econômicas e políticas de seus países; daí a serem acusados de intervir em terreno que lhes não compete, inclusive de se inclinarem às idéias marxistas, há somente um passo” (GUTIERREZ, 1983, p.96).

Cabe ressaltar que entre as diversas categorias de intelectuais (marxistas ou não) que passaram por este evento como: teólogos, sociólogos, historiadores, antropólogos, cientistas políticos, economistas... e, ainda torna-se imprescindível registrar nomes como Paul Singer, Gilberto Freyre, Celso Furtado, Richard Shaull, Almir dos Santos que fala sobre “O Manifesto de Nazaré”, (onde podia encontrar as bases para uma reconstrução total da sociedade). Ora, destaca-se também, a presença do reverendo João Dias de Araújo, que fez sua reflexão sobre o tema: Revolução do Reino de Deus, onde o reino não era compreendido como algo que só ocorrerá num futuro distante. Daí, através do reino as sementes da revolução são lançadas. Porém, quais sementes seriam estas? A soberania de Deus. Isto é, o Reino de Deus é teocêntrico e teocrático, em contraposição ao reino dos homens, que é antropocêntrico e antropocrático.

Onde assim, aponta Pinheiro;

E o reverendo João Dias de Araújo analisou o conteúdo revolucionário do ensino de Jesus sobre o Reino de Deus. Depois de discorrer sobre ele, destacou alguma de suas características: resgata a humanidade, pois o alvo do Reino é colocar as pessoas e a sociedade sob a soberania de Deus; é evangelizador, já que sua missão é proclamar ao mundo o governo de Deus sobre a realidade; evangelizar é tornar humano, pois a obra de Cristo é levantar as pessoas, restaurá-las em todos os sentidos e em todas as suas implicações existenciais; é social, pois para as Escrituras não devem existir ser humano solitário, mas solidário; Deus é pai amoroso: não é chefe tirano, arbitrário, nem déspota sanguinário; é comunitário, pois o Reino de Deus é, de fato uma família; é Reino de justiça (PINHEIRO, 2008, p.175).

O contexto revolucionário do século XX teve a influência profunda do marxismo nas revoluções proletárias; luta contra o racismo; emancipação feminina... Contudo, aponta Pinheiro,

... a Conferência do Nordeste apresentou ao país uma teologia do Reino de Deus, mas não tomou como pedra de esquina o marxismo. Ao contrário, trabalhou os elementos basilares de uma hermenêutica cristã em diálogo com os setores da sociedade, inclusive marxistas. A Conferência do Nordeste deixou claro para seus participantes que Cristo está no processo de expansão do Reino de Deus em terras brasileiras, e que junto a ele devem estar os seus seguidores (PINHEIRO, 2008, p.176).

Ora, a revolução é urgente, mais recusa as violências de qualquer espécie. Isso sem falar em que a necessidade da revolução não era homogênea no meio dos cristãos. Porém, na caminhada dos que queriam viver uma espiritualidade de maneira diferente a pergunta ecoava; que espera Deus de nós na atual conjuntura brasileira? Desta maneira, como e o que fazer quando para algumas pessoas tanto a Religião quanto o Estado não representam mais nada? Bem, para Pinheiro, o locus privilegiado do diálogo entre a teologia e as brasilidades é a sala de aula, uma vez que a função do ensino é desenvolver a mentalidade crítica e promover a práxis libertadora. Assim, sinaliza o reverendo João Dias de Araújo no final de sua reflexão, “como filhos do Reino de Deus, somos parte da rebelião dos tempos atuais. Devemos estar na vanguarda dos movimentos de transformação do mundo contemporâneo” (Conferência do Nordeste, 1962, p.64).

Na religião judaica em muitos momentos os sacerdotes eram apontados (condenados) pela figura do profeta. Segundo Bourdieu o poder sacerdotal se impõe dentro da comunidade religiosa. Mas, quem era o profeta? Na perspectiva judaica, o profeta era aquele que via, compreendia, anunciava e denunciava o que ocorria no seu tempo. Assim, a Conferência do Nordeste oferece uma dimensão profética na história do protestantismo brasileiro. Daí, o profeta Ezequiel falando dos sacerdotes

disse: “Eles enganam meu povo dizendo que tudo vai bem quando nada vai bem. Pretendem esconder as rachaduras na parede com uma mão de cal...” (Ez 13.10)

Assim, seguindo os passos de Bourdieu observa-se que em contextos históricos, certos atuantes religiosos podem ser avaliados como profetas que trazem uma nova mensagem renovadora e crítica. Logo,

O profeta é o homem das situações de crise quando a ordem estabelecida ameaça romper-se ou quando o futuro inteiro parece incerto. O discurso profético tem maiores chances de surgir nos períodos de crise aberta envolvendo sociedades inteiras ou então, apenas algumas classes, vale dizer, nos períodos em que as transformações econômicas ou morfológicas determinam, nesta ou naquela parte da sociedade, a dissolução, o enfraquecimento, ou a obsolescência das tradições ou dos sistemas simbólicos que forneciam os princípios da visão de mundo e da orientação da vida. (BOURDIEU, 2007, p. 73-74)

Daí, a dimensão religiosa estudada e vivida por muitos em nossa contemporaneidade nos faz ver e pensar que o líder religioso de grupos diversificados tem um papel social relevante. Estes representam vozes e não a única voz como era o caso do período medieval. Logo, uma atuação efetiva do líder religioso, depende muito de cada contexto e a serviço de quem eles estão. Desta maneira, Rubem Alves sinaliza:

Mas os mártires têm aparecido: Gandhi, Martin Luther King, Oscar Romero e muitos outros. Líderes religiosos são intimados, perseguidos, ameaçados, expulsos, presos... Ópio do povo? Pode ser, mas não aqui. Em meio a mártires e profetas, Deus é o protesto e o poder dos oprimidos (ALVES, 2003, p. 110-111).

Houve outro movimento que revolucionou o cristianismo vivido aqui no Brasil e na América Latina chamado de Teologia da Libertação. Mas, o que era (é) e como se deu (dá) essa teologia? Como os seus adeptos vivem a experiência da espiritualidade? Onde é possível o encontro com Deus e o que ele deseja dos seus seguidores? É diante dessas e outras questões que um olhar sócio-teológico torna-se significativo em busca de sinais de um novo Kairós (tempo de Deus, momento oportuno e ou plenitude dos tempos) para a humanidade. Entretanto, para o teólogo peruano Gutierrez, “falar de teologia da libertação é buscar respostas para a pergunta: que relação existe entre a salvação e o processo histórico de libertação do homem?” (GUTIERREZ, 1983, p.49)

Entre a década de 1950 e 60 iniciou-se em muitos espaços da América- Latina uma crescente conscientização acerca dos verdadeiros mecanismos produtores do subdesenvolvimento que oprimia e esmagava estes habitantes como um rolo compressor. Entretanto, não era uma dificuldade

só política, mas econômica, cultural... Ou seja, ainda aponta Gutierrez, “torna-se, com efeito, cada vez mais evidente que os povos latino-americanos não sairão de sua situação a não ser mediante uma transformação profunda, uma revolução social que mude radical e qualitativamente as condições em que vivem atualmente” (GUTIERREZ, 1983, p.84). Assim, inúmeros jovens intelectuais e toda uma gama de movimentos surgiram para viabilizar a libertação. Daí assumiram sua cultura e decidiram caminhar com os próprios pés rumo a dignidade humana e contra a injustiça social. Todavia, não se pode esquecer que um começo desta nova história, começa com círculos bíblicos que em outro momento tornam-se as CEBs (Comunidade Eclesiais de Base), que vai além do seu sentido religioso e assume posicionamentos políticos.

Logo, é importante ressaltar que a Igreja era percebida como exclusiva portadora da salvação para o humano, através do ato redentor de Jesus mediante os sacramentos, a liturgia... tarefas estritamente religioso-sagradas. Desta maneira, aponta Leonardo Boff: “como seu campo de atuação é o campo estritamente sagrado, ela se mostra insensível aos problemas humanos que ocorrem fora de seus limites, no mundo e na sociedade” (BOFF, 2010, p.27). Ou seja, não existe uma articulação com a realidade do Reino e do mundo. Daí, a pergunta: que futuro possui este modelo de Igreja? E ou não seria a Igreja neste sentido sinônimo de Hierarquia?

Se for assim, a Igreja aparece como uma Igreja para os pobres e não tanto com os pobres e dos pobres. No entanto, a teologia da libertação entende que o espaço eclesial precisa ser de todos (as) sem distinção, precisa ser menos hierarquizado. Ou seja, os leigos devem ter uma participação nas decisões da Igreja, uma vez que a Igreja nasce da fé do povo e através de um processo de transição entre o mundo religioso e político. Isto é, começa com o religioso e ao ver a injustiça que é um pecado social que tem animalizado e oprimido milhões de latinos americanos, então é percebido também pela perspectiva política. Pois, sinaliza Boff “não se trata de uma libertação apenas do pecado (do qual sempre nos devemos libertar), mas de uma libertação que também possui dimensões históricas (econômicas, políticas e culturais” (BOFF, 2010, p. 35).

Ora, Boff fala de uma tríade: Reino-mundo-Igreja onde, “Reino constitui o grande arco-íris sob o qual estão o mundo e Igreja; mundo é o lugar da ação de Deus construindo seu Reino já agora aberto para escatologia que ainda não se realizou em plenitude” (BOFF, 2010, p.32). Assim, a Igreja que se encontra no mundo, deve participar de suas esperanças e angústias. Ou seja, como ser cristão no mundo de empobrecidos e miseráveis? Uma vez que como aponta Leonardo Boff em sua obra Igreja: Carisma e Poder, “o que há de mais sagrado do que a pessoa humana? O sagrado da pessoa é mais importante que o sagrado dos objetos e espaços sagrados” (BOFF, 2010, p.63).

É importante ressaltar que para este autor, Deus é encontrado no caminho da justiça. Isto é, o compromisso com o Reino deve se traduzir em práxis transformadora que ultrapassa rezas e

incensos... Daí, os valores cristãos do amor ao próximo e da prática da justiça não podem separar-se, pois, o clamor dos empobrecidos deve ser escutado pela Igreja a fim de que a justiça social promova libertação integral dos humanos animalizados. Diz Boff, “não se trata apenas de ser para o povo, mas caminhar com o povo e fazer o próprio povo andar e chegar a sua própria humanização” (BOFF, 2010, p.77).

Ora, evidentemente que participar deste processo de emancipação humana não é o mesmo que ir a uma festa. É entrar em conflito! Pois, a denúncia da injustiça provoca tensão, uma vez que, onde há autoridade podem ocorrer abusos em seu nome. Diante disso, o desafio é colocado diante do teólogo que segundo Boff tem uma tarefa relevante neste processo de humanização. Assim, ele aborda que: “o teólogo vê nesta angústia e neste vazio uma forma de presença de Deus; o grito do homem não é outra coisa senão eco da voz de Deus mesmo, que o interpreta” (BOFF, 2010, p.203). Os desafios que se estabelecem na relação entre Igreja e Sociedade são grandes no sentido de que a sociedade deseja profanar o sagrado e a igreja santificar a sociedade. Porém, é necessário superar a visão dualista entre sagrado e profano, natural e sobrenatural... São realidades justapostas. Entretanto, como entender a Igreja em uma sociedade de classes? Para Boff a função da Igreja era: “tornar viável e historicar o significado salvífico de Jesus Cristo e de sua missão, e, ao fazê-lo, fazer-se sacramento-sinal e sacramento-instrumento de libertação” (BOFF, 2010, p.229), assim fazia-se necessário ter consciência de que a Igreja está dentro do mundo e não o inverso. Isto é, há um processo dialético entre o campo religioso e o social.

Desta maneira, numa sociedade de classes, há sempre conflitos entre dominantes e dominados. Aponta Boff,

Porque a Igreja vive esta contradição, sempre é possível nela a irrupção do profeta e do espírito libertário que a faz se encaminhar na direção daqueles grupos que buscam relações mais justas na História e se organizam nos marcos de uma prática revolucionária (BOFF, 2010, p. 235).

Diante disso, há de se considerar que a memória de Jesus de Nazaré é perigosa, subversiva. Daí, evocar a memória é provocar e transformar. Logo, neste processo de resgate histórico entende-se que a proposta do Reino revelada em Jesus de Nazaré, traz viva em plenitude e, por isso, deve lutar contra a pobreza que exprime uma quebra da justiça.

Com as Comunidades Eclesiais de Base, cria-se um novo tipo de santidade e ou espiritualidade que se dava na militância. Nas CEBs o Evangelho é ouvido, partilhado e crido. Ou seja, o Evangelho aparece tal como ele é: boa nova; mensagem de esperança; de promessa e alegria. Assim, a comunidade fraterna vive efetivamente como irmãos. Daí entende-se um sopro do Espírito na história da Igreja brasileira através das CEBs e, diante disso, os militantes do Reino devem obedecer ao Evangelho que se traduz em luta pela emancipação-salvação dos sofridos.

Nas atividades das CEBs, o teólogo mais escuta e aprende do que ensina e fala. Ou seja, a pedagogia de Paulo Freire quando propõe uma troca de aprendizagem, é fundamental neste processo educacional. Daí, a Igreja volta a ser do povo e não dos padres para o povo. Logo, a liturgia volta a ser expressão da fé e não realização de um rito sagrado (o povo participa). Contudo, não se pode esquecer que a libertação é fruto de uma longa marcha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião*. 5º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade, tratado de Sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 2003.
- BERGER, Peter. L. *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística*. 30º Ed. Vozes, Petrópolis, 2010.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. 2º ed. Rio de Janeiro. Record, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996
- _____. *O poder simbólico*. 13º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. 4ºed. Tradução Jorge Soares. Petrópolis. Vozes, 1983.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, Expressão Popular, 2008, 72 p.
- PINHEIRO, Jorge. *Deus é Brasileiro: as brasilidades e o reino de deus*. São Paulo, Fonte Editorial, 2008.
- SHAULL, Richard. *Surpreendido pela Graça: memórias de um teólogo: Estados Unidos, América Latina, Brasil*. Tradução de Waldo Cesar. Rio de Janeiro. Record. 2003.
- SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana*. 1. ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. v. 1. 232 p.